

1 Introdução

Os maiores vendedores de livros do Brasil não estão na Academia Brasileira de Letras. Nem nas prateleiras das livrarias destinadas a *best-sellers*, sejam eles de auto-ajuda ou de ficção. Para encontrá-los, basta olhar dentro das mochilas das crianças ou entrar em uma sala de aula e procurar os nomes nos livros sobre as carteiras. Quem mais vende livro no Brasil são os autores de didáticos. Essa é a fatia mais significativa do mercado editorial brasileiro.

Assim tem início reportagem da revista *Época* de 20/10/2007, cujo título é “Maior segmento do mercado editorial é o de livros didáticos: autores de livros para escolas são os que mais vendem no país”. Este parágrafo que principia a matéria jornalística já nos dá uma ideia do tamanho desta fatia do mercado editorial, mas pesquisas como *Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro* – que provê um completo panorama da indústria do livro brasileira, divulgada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) – fornecem números que confirmam a informação. De acordo com a pesquisa, em 2007 atingiu-se um faturamento de R\$ 3 bilhões, por meio de um volume total de vendas de 329 milhões de exemplares de livros de todos os gêneros no país. Deste total, 60% das vendas provieram do segmento dos didáticos, sendo que o governo continua sendo o maior comprador do setor, com aproximadamente 24% do total, tendo alavancado R\$ 726,8 milhões para o mercado. O governo federal configura-se como tal devido ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), voltado para o ensino fundamental público e executado por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, sob a égide do Ministério da Educação. Conforme podemos extrair de matéria publicada na *Gazeta Mercantil* em 02/10/2008, dados de outra pesquisa, divulgada em agosto de 2008, mostram que o brasileiro lê anualmente 4,7 livros, dos quais 3,4 são didáticos.¹

A comprovada grandiosidade e a importância deste segmento do mercado editorial já seriam suficientes para justificar não só uma, mas diversas pesquisas a respeito do bem cultural que é produto deste mercado que cresce a cada dia: o livro didático. De fato, podemos encontrar muitas pesquisas e dissertações cujo foco é este tipo de obra. Entretanto, em sua maior parte são realizadas sob a ótica

¹ BALDI, Neila. *Gazeta Mercantil/Caderno C*, 02/10/2008, Pág. 6.

pedagógica e têm por intuito a análise de seu conteúdo, ou, quando sob a ótica do design, geralmente se limitam à apreciação sobre a forma. Estas visões são de grande interesse para aqueles que trabalham na construção e na melhoria da obra didática; entretanto, pude perceber aí uma lacuna no que diz respeito ao exame da contribuição do designer na confecção deste bem cultural.

Este projeto, portanto, propõe uma perspectiva diferenciada, já que objetiva examinar o processo de criação do livro didático, desde o recebimento do original do autor até a realização do produto final, focando na observação da atuação do designer na produção editorial. Afinal, é nesse processo que são definidos e trabalhados tanto os aspectos textuais como os gráfico-visuais da obra, e a partir da observação dele é possível examinar as funções, exercidas e idealizadas, dos agentes participantes deste processo – dentre eles, o designer.

A detecção desta lacuna, que se configurou como terreno fértil para pesquisa, aliada a uma experiência profissional minha – na qual participei do processo de reformulação de um livro didático, o **Atlas Geográfico Escolar do IBGE** –, deram origem à ideia e ao desejo de realização desta dissertação. Esta, por sua vez, visa não somente à descoberta dos caminhos que guiam a prática profissional do designer no âmbito da produção editorial de obras didáticas, como também a ser uma fonte de enriquecimento pessoal, de cujos frutos poderei usufruir em minha prática profissional e acadêmica.

Dentre outras questões que perpassam a presente investigação, a pergunta que norteia os rumos deste trabalho pode ser sintetizada da seguinte maneira: qual o papel do designer dentro do processo de edição de obras didáticas? A partir daí, poderemos delinear o caminho que nos levará ao apontamento dos pontos concernentes a esse grande questionamento: quais as funções, os limites e as contribuições do designer na produção editorial do livro didático?

Afinal, supõe-se que o designer seja ator (e autor) de destaque dentro do processo de produção editorial do livro didático de Ensino Fundamental, uma vez que se conjectura que sua contribuição não se restringe a projetar graficamente a obra de maneira legível e agradável; havendo a tentativa de ir além, de modo que o conteúdo seja transmitido, por meio da forma, de modo estimulante à leitura e à aprendizagem. Mas até onde se estende seu real papel? Diante da construção coletiva por que passa a obra didática, a qual sofre intervenções de diversas fontes, torna-se difícil delimitar de antemão as atribuições e limites de atuação do

designer; entretanto, é possível afirmar a importância capital de seu trabalho nessa cadeia produtiva, sendo razoável partir do pressuposto que o designer tem um papel até mesmo social nesse processo. Gostaria de frisar que este trabalho corresponde, primordialmente, a um mapeamento quanto ao estado atual da contribuição do designer na produção editorial do livro didático e que, secundariamente, apresenta uma discussão do potencial do designer em um contexto de produção e uso ideal deste tipo de obra.

Devo ressaltar, desde já, que não tenho a pretensão de achar respostas precisas ou “fórmulas mágicas” que orientem o desempenho do designer em sua prática profissional, seja dentro de uma editora ou por meio de seu serviço terceirizado, prestado a uma casa editorial em determinado projeto – formas usuais de atuação do designer nesse campo. Tal intenção não apenas se mostraria infrutífera, como estaria fadada à periferia do corpo da questão, passando ao largo do que acredito ser realmente importante acerca da temática proposta. O leitor pode, então, perguntar-se qual seria o intento de esta pesquisa, ao que posso responder dizendo que o propósito reside em uma ampla reflexão sobre o tema, a qual possibilitará a revelação de considerações – dentre as quais erros, acertos, possíveis limitações, vícios de trabalho e a eterna luta entre acomodação e aspiração a novos ideais – acerca da ação e das possibilidades de atuação desse profissional. A reflexão alcança um patamar de bastante destaque uma vez que se trata de um nicho do mercado editorial cuja grande responsabilidade educacional, cultural e intelectual na formação de cidadãos solicita uma crescente e constante busca por melhorias e adaptações que melhor sirvam ao estudante de ensino fundamental na contemporaneidade.

Tenho também o desígnio, a partir desta dissertação, de dar origem a outras reflexões sobre o tema enfocado, ainda que sob óticas distintas, e espero que este trabalho atinja de maneira certa, tal qual o efeito de outros trabalhos sobre mim, os interessados em promover uma investigação contínua dos aspectos que tornam o livro didático o precioso bem cultural que é e – acredito – não deixará de ser tão cedo.

Tencionando alcançar a proposta almejada, optei por dividir o presente trabalho em quatro partes principais.

A primeira parte se propõe a apresentar algumas concepções de livro didático e situá-lo como um bem cultural cujos intuitos educativos e lucrativos se entrelaçam, perspectiva à qual achei interessante me ater, uma vez que a

conjugação de interesses de educadores, empresas privadas e políticas de governo implica o envolvimento de diversos profissionais que atuam em seu processo produtivo e de diversos desígnios, por vezes conflitantes, que incidem sobre ele. Afinal, como sintetiza Cassiano,

Se pensarmos que a internacionalização da indústria de livros escolares se deu, basicamente, pelo faturamento significativo do mercado brasileiro, assim como pela sua potência, e que este é um mercado que requer a conciliação de interesses comerciais com os educacionais, podemos concluir que esse conjunto de características, entre outras, tornam o mercado de livro didático importante objeto de estudo, merecendo a atenção de amplos setores da sociedade, visto as relações estabelecidas, em nível nacional, entre as grandes editoras de didáticos e as instituições escolares públicas e privadas do Brasil.²

Ainda neste capítulo, são examinados as práticas de leitura e o mercado editorial didático no Brasil, abordagem que considerei indispensável para meu estudo, em face do intuito de conjeturar um perfil de leitura da população brasileira e de desvelar o panorama no qual se insere o livro didático e que dita as condições de sua produção, ainda que não direta ou explicitamente. É contemplada, também, a participação das editoras de livros didáticos no mercado e apontada a origem da intensa produção de livros didáticos e da prática de financiamento e distribuição pelo Estado aos alunos da rede pública de ensino por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), bem como são apresentadas as editoras de que o estudo de caso, constante do quinto capítulo, trata.

A segunda parte versa sobre a política relacionada ao livro didático de Ensino Fundamental, ou seja, aquela definida pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), por meio do qual o governo distribui livros de todas as disciplinas constantes do currículo aos estudantes de ensino fundamental das escolas da rede pública e avalia as obras didáticas apresentadas segundo um corpo de diretrizes e exigências.

Trata-se de uma pormenorização da origem, dos objetivos e das características do PNLD, além das possíveis implicações do programa governamental para a produção editorial do livro didático. Neste capítulo, procurei ater-me a retratar a política do livro didático e as diretrizes impostas pelo

² CASSIANO, Célia Cristina de Figueiredo. “Reconfiguração do mercado editorial brasileiro de livros didáticos no início do século XXI: história das principais editoras e suas práticas comerciais”. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 281-312, jul./dez. 2005, p. 309.

PNLD para a produção de livros didáticos e fazer uma breve crítica inicial a respeito de alguns aspectos percebidos antes mesmo que se realizasse o estudo de caso, momento em que mais algumas problemáticas relativas ao Programa tornaram-se evidentes. A abordagem do PNLD pode parecer óbvia em um estudo sobre o livro didático, mas, para além da obviedade e da tentativa de apenas cumprir um estágio aparentemente obrigatório, considerei fundamental tratar de certos aspectos desta política uma vez que parti da hipótese de que mesmo as obras didáticas não aprovadas no processo instituído pelo PNLD são realizadas, no processo produtivo, estritamente de acordo com as diretrizes deste – hipótese que foi confirmada no estudo de caso que consta de capítulo posterior. Afinal, estão em jogo não só a excelência pretendida para o material didático, mas também o aspecto financeiro das editoras – isto é, milhões de reais que podem ser perdidos caso os livros didáticos não sejam aprovados pela avaliação do PNLD.

A terceira parte traz à baila a fundamentação para o estudo de caso – apresentado no capítulo seguinte – na qual, inicialmente, exponho a metodologia utilizada no estudo de caso e os motivos de escolha do método; posteriormente, apresento o delineamento teórico em parte responsável por suscitar muitos dos meus questionamentos e que, portanto, conduziu a construção dos questionários aplicados nas entrevistas, constituindo o pano de fundo do estudo de caso. Este delineamento teórico exposto no capítulo correspondeu principalmente às questões no tocante ao modo de produção de livros e à inter-relação entre os agentes produtores dos livros e, por extensão, mediadores da leitura da obra didática.

A quarta parte consiste no estudo de caso, composto por entrevistas realizadas com profissionais participantes da produção editorial de livros didáticos de geografia, visando a analisar a construção do projeto gráfico de livro didático contemporâneo de Ensino Fundamental, buscando entender o que delinea e fundamenta essa prática.

Vale esclarecer que se chegou até eles por meio de uma seleção de duas coleções constantes do **Guia de Livros Didáticos do PNLD 2008 – Geografia**³: **Geografia (espaço geográfico)** e **A geografia da gente**, publicadas pelas editoras

³ MINISTÉRIO da Educação. **Guia de livros didáticos PNLD 2008: Geografia** / Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2007.

Scipione e Ática, respectivamente, editoras bastante atuantes no segmento de didáticos, e que fazem parte do grupo Abril Educação. A escolha das editoras não foi aleatória; o critério utilizado teve como ponto de partida a categorização das coleções pelo **Guia**, que são analisadas inclusive sob a perspectiva de suas características estruturais (organização dos conteúdos, metodologia de ensino e aprendizagem, desenvolvimento de atividades, manual do professor e projeto gráfico). Estas características são ressaltadas pelo **Guia** para que, segundo ele, seja possível “diferenciar as coleções nos aspectos que interessam aos professores em sua prática pedagógica”.⁴ As coleções abordadas pela pesquisa desta dissertação foram as únicas consideradas de projeto gráfico “inovador” na avaliação feita para o ano de 2008, que considerou as obras dos anos finais do Ensino Fundamental – ou seja, 5ª a 8ª séries, ou 6º ao 9º ano, de acordo com a nova estrutura do Ensino Fundamental, que foi ampliado para nove anos. Por conseguinte, considerei interessante avaliar a maneira de estas editoras trabalharem e como seus profissionais se inter-relacionam durante o processo, até como um modo de entender os porquês do destaque destas coleções em meio às outras no quesito “projeto gráfico” e como se deu o processo de confecção dessas coleções que se sobressaíram.

O capítulo versa sobre a produção editorial do livro didático, tratando, em especial, dos papéis dos agentes envolvidos na produção deste tipo de obra, dentre os quais, o designer. A proposta aqui não é promover a *definição* de papéis, mas a *investigação* dos mesmos, uma vez que, etimologicamente, *definir* significa “limitar, marcar o fim”.⁵ E, definitivamente, este trabalho não pretende colocar um ponto final em nenhuma questão, já que busca justamente o inverso: principiar reflexões que não se encerrem nesta dissertação. Acredito que, neste sentido, o papel do designer não pode ser *definido*, mas *revelado*, pois está em constante mutação, variando conforme o momento histórico, o trabalho específico que realiza, assim como o acréscimo de credibilidade e responsabilidade que os diversos setores nos quais o designer atua vêm dando a esse profissional.

Além dessa questão, me pareceu igualmente importante tratar da aplicação das diretrizes propostas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) pelos

⁴ Ibid., p.14.

⁵ INSTITUTO Antônio Houaiss. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

participantes da produção do livro didático, quais sejam: o autor do texto, o editor, o editor de arte e o designer. Considerei essencial averiguar se e como esses agentes empregam as instruções fornecidas nos textos do **Edital do Programa Nacional do Livro Didático** (publicação no âmbito desse programa do governo federal) no intuito de desvelar tanto se as diretrizes propostas pelo programa e pelos parâmetros são seguidas e por que o são (ou não), bem como a maneira pela qual elas são apropriadas na confecção do livro didático. Como se trata de um estudo sobre a produção do livro didático, optei por focar apenas nos agentes mencionados e não considerar na cadeia os demais agentes envolvidos na distribuição das obras e na mediação da leitura.

Para chegar ao resultado que se encontra delineado nas páginas que se seguirão, optei pela realização de entrevistas abertas com os profissionais supracitados participantes do processo de produção editorial dessas coleções, que me trariam a possibilidade de um exame mais apurado e, ao mesmo tempo, mais amplo e flexível das possíveis razões e caminhos que elevaram tais obras a esse patamar – e, ainda, a validade do mesmo. O objetivo era identificar muitos dos aspectos discutidos neste trabalho a partir de situações em que toda a problemática aqui abordada esteve presente. Deste modo, parti para a realização de colóquios com agentes fundamentais dessa cadeia de produção e participantes de quase todo o processo de confecção dos livros didáticos nomeados: o editor e o editor de arte.

Procurei, ainda, estabelecer um paralelo das questões advindas das entrevistas com a visão dos autores do campo de design. Assim, acredito, torna-se possível confrontar a visão da teoria à prática, condição que considerei básica para uma pesquisa com esse recorte temático.

Como exposto anteriormente, este capítulo evidencia, além da *revelação* do papel do designer, a identificação dos papéis dos demais participantes da produção editorial do livro didático que concernem a este estudo: o autor do texto e o editor. Tendo em vista a construção coletiva e com bordas difusas que dá origem à obra didática, tentei verificar esta intrincada relação entre os agentes visando a identificar os limites, o entrelace e a superposição de seus papéis, através de pesquisa por meio da qual pude observar como eles aliam seus conhecimentos e atividades com o propósito de consecução de um objetivo comum: transmitir o conteúdo deste instrumento de modo a facilitar e estimular o aprendizado dos leitores/estudantes. O desafio era o de responder a uma pergunta

que se colocava a cada vez que eu refletia sobre o assunto: é possível separar com limites rígidos o que cabe a cada um nesse processo, ou a produção editorial ideal desta construção coletiva implica um entrelace de funções com limites frouxos, maleáveis? Espero ter conseguido respondê-la ou ao menos abordá-la de maneira satisfatória, assim como anseio que esta reflexão incite o leitor a procurar questionamentos semelhantes a respeito de uma paixão comum: o livro, que, além de bem cultural, configura-se como objeto de desejo – e acredito que o leitor desta dissertação, para que tenha chegado até ela e a esteja percorrendo até agora, tem sim essa paixão em comum com a interlocutora (e sim, isso é um diálogo; creio que a leitura deve sempre ter caráter dialógico).

Na quinta parte, avaliei ser importante atentar para e dissertar sobre a função social dos participantes da produção editorial abordados na pesquisa (autor do texto, editor e designer), atribuição que está implícita na realização de seus trabalhos, além de promover a discussão, a partir das percepções obtidas por meio da pesquisa, sobre a aptidão do designer, foco central do estudo, para exercer tal função. Ainda neste último capítulo, embrenhei-me pelos meandros de um caminho tortuoso, e de certa forma também um pouco pretensioso: arrisquei-me a propor sugestões para a produção editorial de livros didáticos de Ensino Fundamental sob o viés do design. Este tópico constante do capítulo derradeiro pretende apontar apreciações obtidas por meio da pesquisa, visando à contribuição do campo do design para a edição de livros didáticos de Ensino Fundamental no Brasil. Enfim, esta parte se propõe a cerrar – sem, entretanto, encerrar – as discussões presentes no recorte temático apresentado ao longo da dissertação, por meio de propostas acerca do que julgo adequado modificar, manter ou contestar no que concerne ao processo de produção editorial de livros didáticos.

A fundamentação teórica que funcionou como alicerce para o desenvolvimento desta pesquisa permitiu-me verificar e analisar diversas visões, preceitos e reflexões dos assuntos que se remetem à temática aqui exposta (ou a tangenciam), para que se tornasse factível realizar a confluência dos mesmos, chegando a uma produção própria, o que significa ser esta apenas uma das muitas interpretações possíveis.

Pode-se destacar, dentre a extensa bibliografia que possibilitou erigir essa estrutura, alguns autores cujos temas de que tratam foram essenciais à discussão. Pensando nela como se representada por uma pirâmide, em que o topo representa

a consolidação por meio das partes inferiores, iniciei a construção da base pelas leituras acerca do objeto primeiro: o livro didático. Fui ao encontro, portanto, de autores como Cassiano, Santos, Kanashiro, Munakata, Freitag, Choppin, Apple e Ponce de Leon, que me ajudaram a consolidar concepções sobre este instrumento sob óticas diferentes: de maneira histórica ou crítica, sob o ponto de vista do design ou da educação.

Posteriormente, pude ascender ao segundo plano, que nesta trajetória é representado pela conceituação de design (e, conseqüentemente, de metodologia em design), em sua acepção mais ampla. Neste ponto, considero necessário revelar ao leitor que não sou designer; minha formação é em Comunicação Social, com habilitação em Produção Editorial. Portanto precisei adentrar este território, que já me era bastante familiar, mas não de todo, para falar sobre ele com a propriedade adequada. Deste espaço plural, optei por trabalhar com Coelho, Couto, Forty, Gruszynski, Villas-Boas, Frascara, entre outros. A partir dessa inter-relação, assentei o fulcro que me possibilitaria alçar outro patamar: o relativo ao design de livro. Neste, usufruí de textos como os de Farbiarz, Haslam, Hendel e Tschichold, cujas concepções completaram aquelas de que já dispunha.

Tendo consolidado a base, parti para o desenvolvimento, em paralelo, de conceitos sobre leitura e leitor e educação, sob as perspectivas de, dentre outros, Chartier, Freire, Amâncio e Lajolo. Além desses, procurei conhecer melhor as nuances relativas às políticas ligadas ao livro didático, e em especial ao Programa Nacional do Livro Didático, buscando em outras fontes, que não os próprios documentos do programa, informações e críticas sobre o mesmo, donde encontrei autores como Batista, Sposito, Miranda e Luca.

Chegando ao momento que nessa analogia corresponde ao topo, pude reunir e relacionar tudo aquilo que adquiri nesse extenso percurso – a extensão, aqui, diz respeito mais à amplitude que ao tempo de duração dele – e, diante dos cruzamentos que realizei, cheguei ao texto que consta das páginas a seguir.

Gostaria de ressaltar que esse foi o meu percurso e que não o considero o ideal ou o único exequível. Apenas o registro aqui para introduzir os meus objetos de estudo e, ainda, para fazê-los entender por que e como cheguei às minhas apreciações. Seja o leitor da área do design ou não, creio que esta dissertação pode

trazer contribuições a todos aqueles que, receosos ou curiosos a respeito de como o livro didático tem sido arquitetado, e cientes de que essa construção não se limita ao texto que o autor escreve, desejam tomar parte na reformulação e no eterno repensar a respeito desse valioso bem cultural.